

Instagram como recurso didático no estímulo da discussão sobre o Meio Ambiente local

Vaneria Maria Pinheiro Medeiros

Resumo: Este é o relato de uma investigação educativa na terceira série do ensino médio de uma escola pública de Milhã, Ceará, cujo objetivo foi estimular a observação e o pensamento crítico dos alunos sobre o meio ambiente local. Foram utilizados o Instagram e fotografias como ferramentas didáticas e foram discutidos o processo e os pontos positivos e negativos da estratégia didática adotada. A metodologia foi de pesquisa-ação, com análise de dados mista e apoio do software IRAMUTEQ e da análise de conteúdo de Bardin. Foi registrado que a concepção dos alunos sobre meio ambiente está predominantemente vinculada aos locais com vegetais e que a metodologia estimulou os alunos a saírem de casa e investigar o meio. Concluímos que os alunos foram estimulados a observar e discutir sobre as características, a biodiversidade, as ameaças e as ações de preservação e recuperação do meio ambiente.

Palavras chave: educação ambiental, redes sociais, concepções ambientais.

Introdução

O reconhecimento que somos parte integrante do meio ambiente e que nossas ações refletem nas relações sociais e naturais, compõem o arcabouço da Educação Ambiental Crítica (EAC). De acordo com Silva e Campina (2011) a EAC busca o fortalecimento coletivo para transformações sociais ao estimular uma postura reflexiva e participativa na busca por uma sociedade sustentável e de pressupostos éticos, políticos e ideológicos. Esses pressupostos trabalhados no ambiente escolar poderão representar um passo importante na formação de educandos críticos e sensíveis às questões ambientais e sociais. Para isso é importante (re)construir o sentimento de seres pertencentes ao meio, e (re)lembrar que a ação do homem sobre a natureza é sobre si mesmo (SUAVÉ, 2005; CORTEZ, 2011)

Na prática docente com alunos da terceira série de ensino médio da educação básica regular, do colégio estadual de Milhã-CE, foi possível observar que apesar de serem alunos que cursam a última série do ensino médio, estes não expressam opiniões com propriedade sobre as questões do seu meio, mas somente de forma generalizada e concentrados em temas que estão em alta na mídia ou nas redes sociais as quais participam. Esse fato leva a inferir que os discentes não param para observar o próprio meio, e um dos fatores pode estar associado ao uso demasiado das redes sociais, visto que dados levantados no ano de 2019, revelam que o internauta brasileiro fica, em média, nove horas e vinte e nove minutos por dia conectado, das quais três horas e trinta e quatro minutos são destinados as redes sociais, estando acima da média mundial que é de duas horas e dezesseis minutos (KEMP, 2019).

Diante disso, é salutar o uso de metodologias que agreguem essas ferramentas ao ensino formal, como forma de aproveitar a vivência dos alunos (SANTOS; SANTOS, 2014). E com apoio na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que tem como objetivos na competência geral cinco, da educação básica:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Assim emergiu o objetivo geral dessa ação de intervenção educacional que consistiu em estimular os alunos das terceiras séries A e B do ensino

médio a observarem e pensarem criticamente sobre o meio ambiente local. Para tanto, delineamos os objetivos específicos que consistiram em: i) utilizar a rede social Instagram como ferramenta didática para a observação do meio ambiente local e discutir os pontos positivos e negativos do uso didático da rede social Instagram para o estímulo da observação ambiental no ensino médio.

Metodologia

O método utilizado foi o da pesquisa-ação, pois esta perspectiva metodológica configura-se, sobretudo, como um instrumento de análise e de mudança de um dado fenômeno educacional e social (EITERER et al., 2010). A abordagem foi predominantemente qualitativa com etapas quantitativas de análise de dados com uso do software IRAMUTEQ e análise de conteúdo de Bardin (2016). Participaram das intervenções 70 alunos das terceiras séries A e B do ensino médio de uma escola estadual do município de Milhã Ceará, Brasil. Parecer CEP-UECE: 13706719.3.0000.5534.

A intervenção pedagógica consistiu inicialmente da criação de uma conta privada no Instagram intitulada “ambienteterceiro” (Fig. 1), e dois grupos (Fig. 2), um para cada série, com os títulos “terceiro ano A” e “terceiro ano B” (Fig. 2). A criação de grupos distintos se deu para facilitar as discussões e coleta de dados por turma. Foram realizadas rodas de conversas sobre o material produzido, as quais tiveram seu conteúdo gravado para posterior análise. Foi também utilizado um questionário para saber a opinião dos alunos sobre a atividade realizada.

Com a utilização do site de ferramentas de design gráfico Canva, foram produzidos três posts para Instagram (um post por aula), com perguntas a serem respondidas em forma de fotografias autorais ilustrando o meio ambiente local, com o prazo de cinco dias para postar a imagem no grupo (Fig. 3). Foram definidas dezesseis duplas e um trio para cada sala, a divisão ficou a critério dos alunos. Assim cada post era respondido com 17 fotos em cada turma (3 posts x 17 fotos x 2 turmas), totalizando 102 fotos postadas.

Ao final das atividades de coleta e discussão das fotografias, foram coletados dados acerca das concepções dos alunos sobre as atividades realizadas por meio de um questionário contendo as seguintes perguntas: 1ª Fale como a metodologia utilizada estimulou a observar o meio em que vocês estão inseridos: 2ª Para vocês, quais os pontos positivos e negativos da metodologia utilizada?

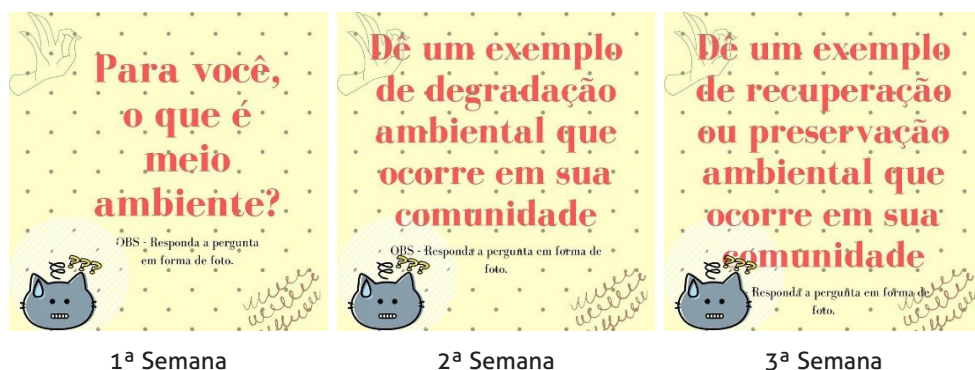
Figura 1 – Perfil da turma no Instagram.



Figura 2 – Grupos no perfil da turma.



Figura 3 – Posts para o Instagram referente as perguntas à serem respondidas através de fotografias.



Resultados e discussões

Dos setenta alunos envolvidos na pesquisa, treze não seguiram o perfil do Instagram, desses treze, cinco declararam não ter conta nessa rede social e os outros oito afirmaram não possuir acesso à internet por morarem na zona rural distante da sede do município. No entanto, a divisão das equipes contemplou pelo menos um aluno com acesso a rede social Instagram. Por isso, o trabalho em equipes mostrou-se importante por dois aspectos: i) ele permitiu a participação de todos os alunos, incluindo aqueles que não tinham acesso ao Instagram e, ii) favoreceu a troca de experiências individuais e a construção de uma identidade social. Esse aspecto é destacado por Silveira e Alves (2008, p. 143) ao pontuarem que “O trabalho com grupos,

quando se fala de fotografia, pode favorecer a consideração do sujeito e de suas concepções na dimensão subjetiva e social”.

Ao analisar as 34 fotografias postadas em resposta ao Post 1 – “Para você o que é Meio Ambiente?” e considerando as falas na roda de conversa, foi registrado que apesar dos alunos citarem que “meio ambiente é a interação dos seres vivos e não vivos como plantas e animais”, as fotografias evidenciaram locais com ocorrência explícita apenas de vegetais (Fig. 4). É possível que isso se deva ao fato das plantas serem sésseis, ao contrário dos animais que são móveis, e isso estaria refletindo na facilidade em retratá-las nas fotografias, semelhante ao que ocorre quando da utilização da fitofisionomia na classificação dos biomas mundiais (ver CAIN; BOWMAN; HACKER, 2011).

Figura 4 – Resumo das fotografias do post 1 que questionava “Para você o que é meio ambiente?”.



Um momento que chamou atenção na discussão do Post 1, foi por ocasião da exposição de uma fotografia que continha uma casa ao fundo. Os alunos foram indagados se a casa fazia parte da resposta, ou seja do meio ambiente. No primeiro instante eles responderam que não fazia parte da resposta, mas com o desenvolvimento das discussões mudaram de opinião e explanaram que a casa também representava o meio ambiente porque era onde as pessoas moravam. Concepção próxima a estabelecida por Reigota quando afirma que

Assim, definimos meio ambiente como o lugar determinado ou percebido onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 1991, p. 37).

Em resposta ao Post 2 - “Dê um exemplo de degradação ambiental que ocorre em sua comunidade”, foram relacionadas diversas ações do homem, como desmatamento, queimadas, poluição por despejo de lixo e erosão (Fig. 5). Na discussão da roda de conversa o que predominou foi o assunto lixo, alguns alunos fizeram visita ao lixão da cidade e comentaram as impressões que tiveram do ambiente, demonstrando preocupação e indignação devido ao fato da cidade não ter aterro sanitário. Quando indagados acerca do que poderíamos fazer para interferir nessa realidade, eles citaram a redução do consumo, reutilização e a reciclagem. No momento da discussão sobre a reciclagem falaram de uma empresa que compra materiais que existe na cidade há pouco tempo. Essa discussão que envolve as ações do homem em diversos aspectos e o que está ocorrendo de mudanças em nossos hábitos não é comum nessas duas turmas e o fato deles terem que observar os ambientes em que vivem parece ter despertado esse olhar crítico e de pertencimento a respeito da nossa sociedade.

Figura 5 – Resumo das respostas do post 2 que solicitava um exemplo de degradação ambiental local.



Uma fotografia dessa fase da intervenção mostrou a Caatinga no período seco como exemplo de degradação ambiental (Fig. 6). Esse episódio abriu espaço para discussões sobre as características dessa vegetação, promovendo a difusão de conhecimentos científicos e oportunizando a desmistificação de falsas ideias de pobreza e endemismo de espécies atribuídas erroneamente a esse tipo vegetacional que é uma das vegetações semiáridas mais ricas em biodiversidade se comparada a outras regiões semiáridas do mundo (GIULIETTI et. al., 2004; VASCONCELOS et al., 2019).

Figura 6 – Fotografia da Caatinga no período seco, como resposta à pergunta “Dê um exemplo de degradação ambiental que ocorre em sua comunidade”.



Esse tipo de atividade partindo da percepção do aluno, pode mostrar-se valioso para compreensão da importância dessa vegetação, mesmo quando esses parecem não ter vida, podendo levar a conscientização para a preservação da biodiversidade local. Já que essa concepção da mata está morta no período de estiagem pode ser um dos fatores que influenciam nas queimadas e desmatamentos da região. Como descreveu Freire (1979, p.19) “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”.

No post 3 que intencionava coletar fotografias com exemplos de “recuperação ou preservação ambiental”, alguns alunos fotografaram locais com espécies exóticas como o Nim *Azadirachta indica* A. Juss, e plantas ornamentais (Fig. 7). Na roda de conversa, foi perceptível a falta de compreensão dos

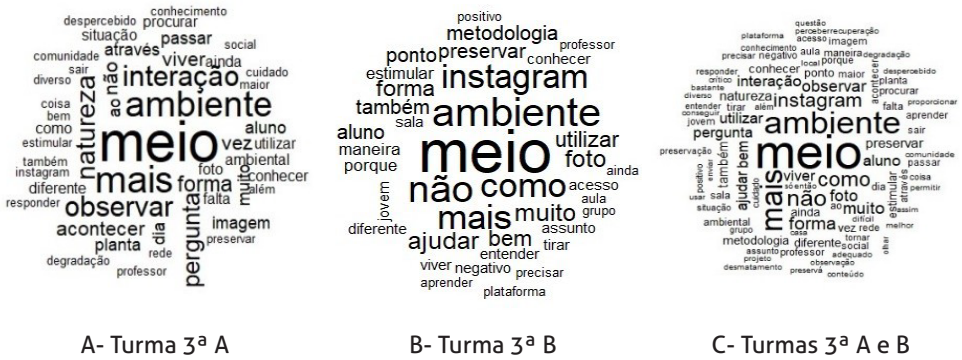
termos recuperação e preservação ambiental, dificuldade prevista, mas esperava-se que os alunos pesquisassem sobre tais diferenças. Segundo os relatos houve a pesquisa, mas ao analisar as fotografias, foi identificado que as dúvidas e distorção de compreensão permaneceram. Segundo Aranson, Durigan e Brancalion (2011), recuperação ambiental é um termo usado para as ações que visam melhorar as condições de um ecossistema degradado. Já o termo preservação ambiental, pode ser definido como o conjunto de práticas que visam proteger a natureza das ações que provoquem danos ao meio ambiente.

Figura 7 – Resumo das repostas do post 3 com exemplos de recuperação ou preservação ambiental.



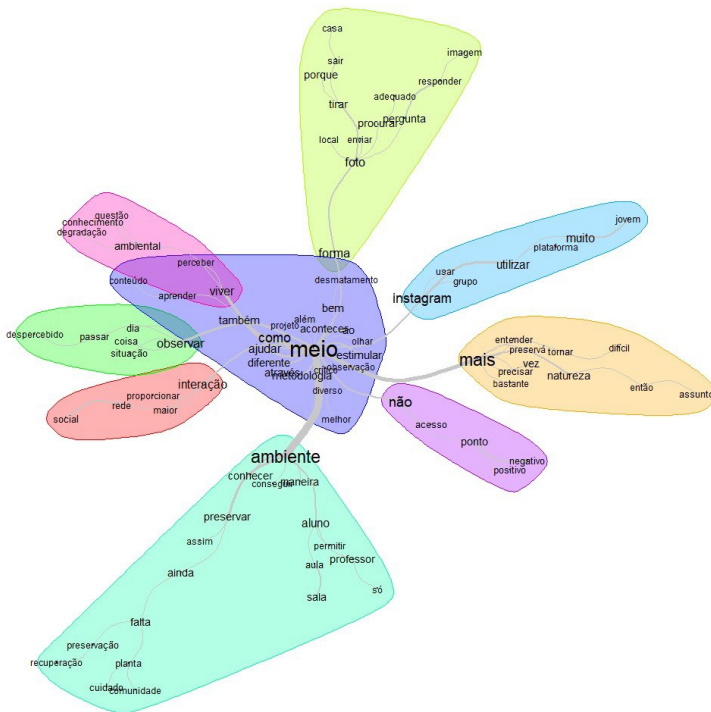
As concepções dos alunos em relação a metodologia utilizada foram semelhantes entre as duas turmas, com destaque para os termos “meio”, “ambiente” e “mais” (Fig. 8) que representam a opinião de que a metodologia estimulou observações no meio ambiente local. Na 3ª série A o termo “interação” também aparece em destaque, pois de acordo com os alunos o uso do Instagram facilitou a interação entre os colegas. Na 3ª série B o termo “Instagram” também está em destaque, devido as justificativas de terem gostado de usar o Instagram como ferramenta metodológica na escola, e por isso terem realizado as atividades com empenho. Corroborando com o descrito por Silveira e Alves (2008) quando citam que esse tipo de recurso pode despertar o sujeito, inserindo-o numa prática consciente e que leve em consideração os saberes implicados para a construção do conhecimento.

Figura 8- Nuvens de palavras acerca de como a metodologia estimulou a observar o meio ambiente.



As respostas dos 3º A e B, acerca de como a metodologia estimulou a observar o ambiente, também foram analisadas por meio de um gráfico de análise de similitude (Fig. 9).

Figura 9 – Análise de similitude acerca de como a metodologia estimulou a observar o meio ambiente.



Através dessa análise, pode-se ter um panorama das respostas dadas, representadas em agrupamentos pelas cores e pelas ligações entre as palavras. A palavra central “meio” está ligada a todos os outros termos, já que foi a questão norteadora para dar as respostas aos posts no Instagram. O fato da palavra ambiente está ligada a “conhecer” e a “preservar” demonstra mais uma vez a concepção de que devemos conhecer nosso meio para poder preservar. Um fato que chamou atenção embora não esteja em destaque é o fato dos alunos terem reconhecido que a solicitação das fotografias estimulou-os a “sair” de “casa” e investigar o meio.

Em relação aos aspectos positivos e negativos, foram agrupadas sete categorias de pontos positivos e duas de pontos negativos (Tabela 1). O número quinze em destaque na categorização dos pontos positivos demonstra que os adolescentes gostaram de se sentir estimulados em atividades de observação, registro e discussão do ambiente local. Fato importante, pois como descreveram Vasconcelos et al. (2019), conhecer as características do local onde se vive é de fundamental importância, pois através desse conhecimento pode se dá a valorização e a preservação do ambiente, em especial ao qual estão inseridos. Corroborado por Scarpa e Silva (2016) quando afirmam que por meio da investigação os alunos produzem o conhecimento científico articulado à argumentação e formação crítica, ou seja, vivenciam a alfabetização científica, preconizada em documentos oficiais, como a BNCC.

Tabela 1- Pontos positivos e negativos do uso do Instagram como ferramenta para a observação do meio ambiente local por alunos de 3ª séries do ensino médio.

Categorias dos pontos positivos	Número de equipes
Conhecer o meio ambiente da comunidade.	15
Estimulou por ser no Instagram.	7
Interação facilitada.	7
Metodologia diferenciada.	6
Não tem pontos negativos.	6
Categorias dos pontos negativos	Número de equipes
Dificuldade de encontrar o local certo para a fotografia.	4
Não ter acesso a rede social ou internet.	4

Considerações finais

Os participantes desta atividade possuem muitas dúvidas sobre as reais condições ambientais de suas próprias comunidades, mas quando são despertados para observar o meio, conseguem expressar pensamentos críticos

e com potencial transformador da realidade. O ensino formal não precisa competir com as tecnologias como as redes sociais, mas pode ater-se dessas ferramentas como aliada do ensino.

O relato desta pesquisa demonstrou que o uso do Instagram como ferramenta metodológica pode trazer experiências positivas, no sentido de incentivar os alunos a realizarem pesquisa em campo, conhecendo seu ambiente, facilitando a interação entre os colegas que pode ser feita não só na mesma turma, mas entre as outras e em séries diferentes dependendo do objetivo do conteúdo trabalhado, e com isso aumentando as chances de participação dos educandos, já que existe muita resistência no resolver de exercícios teóricos tradicionais.

Agradecimentos e Apoios

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

ARANSON, J; DURIGAN, G; BRANCALION, P. H. S. Conceitos e definições correlatos à ciência e à prática da restauração ecológica. **IF Sér. Reg.** n. 44, p. 1-38, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 29 out. 2019.

CORTEZ, A. T. C. O lugar do homem na natureza. **Revista do Departamento de Geografia –USP**, v. 22, p. 29-44, 2011.

CAIN, M. L.; BOWMAN, A. D.; HACKER, S. D. 2011. **Ecologia.** São Paulo: Editora Artmed, 2011.

EITERER, C. L.; et al. **Metodologia de pesquisa em educação.** Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1979.

GIULIETTI, A. M. et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação** (SILVA, J. D.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.D.; LINS, L.V. org.) Ministério do Meio Ambiente, Brasília, p. 48-90, 2004.

KEMP, S. **Digital 2019**: essential insights into how people around the world use the internet, mobile devices, social media, and e-commerce. 2019. <https://www.juancmejia.com/wp-content/uploads/2019/03/Digital-2019-WeAreSocial-y-HootSuite.pdf>. Acessado em: 20 dez. 2019.

REIGOTA, M. Fundamentos teóricos para a realização da educação ambiental popular. **Em Aberto**, v. 10, n. 49, p. 34-41, 1991.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, v. 6, p. 307–328, 2014.

SCARPA, D. A.; SILVA, M. B. A Biologia e o ensino de Ciências por investigação: dificuldades e possibilidades. In: **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. (Org.) CARVALHO, A. M. P. São Paulo: Cengage Learning. p.129-152, 2016.

SILVA, R. L. F.; CAMPINA, N. N. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 6, n. 1, p. 29-46. 2011.

SILVEIRA, L. S.; ALVES, J. V. O Uso da Fotografia na Educação Ambiental: Tecendo Considerações. **Rev. Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 2, p.125-146, 2008.

SUAVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p.317-322, 2005.

VASCONCELOS, M. G. S.; et al. Flora da Caatinga: construindo saberes teóricos e práticos no ensino médio e na formação de professores. **Revista Práxis**, v. 11, n. 22, p. 23-30, 2019.